



www.delfimsantos.org

# Professor Delfim Santos

---

Matilde Rosa Araújo (1966)

Porto: *O Comércio do Porto* 06.12.66, 14.

Em plena juventude, porque plena juventude foi sempre a sua vida de amor pela juventude, partiu o Professor Delfim Santos. É ainda com a mágoa imensa do vazio que o seu partir deixou que venho escrever estas palavras tentando dizer o que, para mim, foi o seu partir. Mas é difícil dizer quando o sentir é muito e nos sentimos mais pobres num tempo e num mundo carentes do essencial.

Fui sua aluna em duas cadeiras de Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras de Lisboa. Faculdade para onde tinha ido parar, como iria a maior parte dos estudantes, longe de uma seleção vocacional previamente determinada. Naquele engano ledado e cego (às vezes nem ledado é) de tirar um curso de Letras para ser professor e, para poder ser professor só à margem do curso se frequentam as tais pedagógicas sem articulação, tive a felicidade de encontrar o Mestre admirável que resgatou todo aquele desarticular.

Foi então que tive, pela primeira vez, a ideia do ensino como missão, pela primeira vez tive a ideia da aventura apaixonante que pode ser acompanhar o homem no seu devir ao escutar aquele professor de rara elegância moral e mental aliada à rara elegância de porte e de palavras.

Já vai distante esse tempo, mais de vinte anos. E, pela vida fora, para além dos desenganos, da dureza que a vida a todos nos ofereceu, em momento algum o Professor Delfim Santos desmentiu aquela impressão de autêntico mestre da vida que pela vida, pela sua vida, nos deu. E, como uma figura geométrica que acaba de se desenhar, tal lição torna-se nítida e precisa na perspetiva dolorosa que a sua morte nos entrega.

Qualquer de nós, seus alunos menos avisados, poderia tomá-lo com menos simpatia humana – porque ele não tinha o gesto fácil dos extrovertidos felizes e a sua elegância inata (tão cheia de natural simplicidade, se fora bem olhada!) podia enganar a vossa ânsia jovem. Mas sabíamos depois que o sorriso da serenidade é feito de tortura – e tortura, nesse caso, de alguém que do pensamento tinha a dor em todas as dimensões aliada a uma delicadeza de sensibilidade terna, humaníssima. Poderia relatar gestos seus de profunda compreensão pelos nossos problemas e ajuda efetiva



[www.delfimsantos.org](http://www.delfimsantos.org)

para eles se o accidental não fosse desnecessário nesta hora de verdade em que acabamos de o perder.

Haverá — e já houve tão bem — quem evoque o filósofo sem cátedra desviado para o campo da Pedagogia, com a autoridade de uma formação filosófica que não tenho.

O que sei e posso fazer é lembrar que a Pedagogia ganhou com este desvio — desvio injusto que a riqueza da sua personalidade rara soube vingar. Lembrar o mestre acordador de vida que a todos nos sabia julgar e entender. É do mestre, na sua essência de mestre, que com a maior saudade posso falar.

Há quem recorde com admiração os príncipes do Renascimento pensando em certas personalidades múltiplas e ricas de homens; eu julgo o Professor Delfim Santos como um príncipe (chamemos-lhe assim) dos tempos de hoje, no que os príncipes possam ter de filhos do povo em grandeza e autenticidade. E Delfim Santos, que se não sujeitava a exibições fáceis, nunca escondeu — pelo contrário, sobreestimava-a com enlevado orgulho — a origem dos seus estudos numa escola técnica, a Escola Técnica Mouzinho da Silveira, do Porto, onde, rapazinho, começou nos passos mais humildes. A sua grandeza levou-o aos mais altos cumes e gosto de vincar este facto num país em que o ensino técnico, apesar de tudo quanto por ele se possa ter feito, ainda é olhado como uma fatalidade económica igual a qualquer outra. Delfim Santos foi, na verdade, um príncipe saído do povo, príncipe porque foi autenticamente homem, num tempo mesquinho que o não mereceu.

E aqui fica a minha saudade pelo mestre, pelo amigo, no vazio desta hora em que a Pedagogia se torna mais pobre, em que a sua juventude soçobrou vertical.

Como homenagem ao mestre que sentia com rara altura mental e moral a felicidade de ensinar (felicidade que ele por vezes pagou bem cara) recordarei aqui palavras suas que são um voto, ditas numa conferência que em 1959 proferiu no Jardim Escola João de Deus, evocando o poeta educador:

*«Precisamos dum Instituto da Criança Portuguesa, porque sem o conhecimento cientificamente elaborado do tipo de mentalidade e compreensão, da modalidade e do nível escalar da inteligência referidos à criança portuguesa, não há reforma, por mais bem intencionada que seja, que possa assegurar bons serviços à causa da educação nacional.*

*Se importa o prolongamento da escolaridade obrigatória com início para a escola primária aos sete anos, temos também de pretender a antecipação na atividade preparatória indispensável ao aproveitamento. Esperemos que este estado de coisas termine muito em breve: que a escola primária deixe de funcionar como órgão de acumulação sucessiva de ensino abstrato antes do momento em que a abstração é possível: deixe de funcionar como agente de diminuição*



[www.delfimsantos.org](http://www.delfimsantos.org)

*de taxas estatísticas de analfabetismo, desempenhe a função que lhe compete propiciando o pleno desenvolvimento da criança».*

Julgo na realização destes votos para as primeiras escolas do homem – infantil e a primária – a melhor homenagem que se possa prestar ao Professor Delfim Santos. Propiciar à criança portuguesa, que é o mesmo que dizer ao homem português, todo o bem que tanto ele com inteligência e coração lhe sonhou.

É querer que o adulto não se sirva mais da criança mas que sirva a criança com humildade e grandeza. E que os filhos meninos de Delfim Santos, filhos que tão apaixonadamente ele amava como pai e pedagogo terníssimo, sejam as testemunhas felizes, na sua juventude ainda, da ressurreição da realidade maravilhosa que é «*o humano em trânsito formativo, a criança*», como seu pai lhe chamava.

Matilde Rosa Araújo